

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS HISTÓRICOS DR. ANTÓNIO DE VASCONCELOS

Revista Portuguesa de História

TOMO IV

HOMENAGEM A GAMA BARROS

Volume I



COIMBRA / 1949

O humanista Diogo de Teive Novos dados para a sua biografia⁽¹⁾

Num dos primeiros interrogatórios a que foi submetido pelos juízes do seu processo inquisitorial, o humanista Diogo de Teive, entre outras confissões de carácter biográfico, referiu-se à sua estadia na universitária cidade de Toulouse, onde, de 1534 a 1536, cursou os estudos jurídicos. No seu depoimento de 20 de Agosto de 1550 confessava o humanista:

«... fui direito a Tholosa sabendo quã horrada univesidade hera & ahi estive sobre mí perto de hu ãno no qual tempo fuy muÿ emsarrado & recolheito tatos hera os meus dezejos destudar que cõ tres pessoas nã tinha conversação a ho cabo deste tempo faltoume a provisõ & acudiõme huã doensa muito forte na qual me socorreo hü homé douto que em paris me conhecera depois que cobrei saude,

(1) Sobre a biografia deste eminente humanista bracarense, vid. as seguintes obras: Teófilo Braga, *História da Universidade de Coimbra*, T. 1, (1289-1555), Lisboa, 1892; Joaquim de Carvalho, *Estudos sobre a Cultura Portuguesa do século xvi*, vol. 11, Coimbra, 1948; Mário Brandão, *O Colégio das Artes*, T. 1, Coimbra, 1924; *Alguns documentos respeitantes à Universidade de Coimbra na época de D. João m*, Coimbra, 1937; *O Processo na Inquisição de Mestre Diogo de Teive*, in Miguel Leitão Ferreira, *Notícias Chronológicas da Universidade de Coimbra*, p. p. Joaquim de Carvalho, vol. ni, T. i, Coimbra, 1944; e *A Inquisição e os Professores do Colégio das Artes*, T. 1, Coimbra, 1948. Vid., também, de Luís de Matos, *O Humanista Diogo de Teive*, in «Revista da Universidade de Coimbra», T. xm, 1937, págs. 215, 270, e *Les Portugais à VUniversité de Paris entre 1500 et 1550*, Coimbra, 1950, págs. 68, 69 *passim*.

pollo meo deste home fuy conhecido em casa de hü dezembragador home fidalgo & de muita renda que tinha hu filho o qual emsinava latí & nam leichava dir ouvir minhas lições ordinarias estive em casa deste dezembragador por nome môsieur de nuptijs mais de hü ano a hy me dei a conhecer a muitos fidalgos & homes principaes da terra que ainda oje podem testemunhar da minha vida...» (2)

Não cremos que uma intensa luz tenha já sido projectada sobre este passo do depoimento do humanista ainda que os eruditos trabalhos do Sr. Prof. Dr. Mário Brandão e do Sr. Dr. Luís de Matos sejam valiosas achegas para o definitivo traçado da biografia de Teive. De resto, só à sobriedade com que este se referiu aos seus tempos de escolar tolosano se devem atribuir as lacunas existentes. Tentaremos preenchê-las, quer com o esclarecimento de algumas figuras que viveram na intimidade de Teive, quer ainda com a precisão de certos acontecimentos que se enquadram na mesma época em que o humanista bracarense permaneceu na capital do «Midi» da França.

Assim, como já o exprimimos em estudo recente dedicado à estadia do juriconsulto António de Gouveia na cidade de Toulouse (3), não podem manter-se quaisquer dúvidas sobre a precisa identidade de *môsieur de nuptiis*, a quem Teive chama «dezembragador homê fidalgo & de muita remda». Trata-se, com efeito, de François de Nupces, que ocupou a magistratura de conselheiro no Parlamento de Toulouse desde 20 de Novembro de 1521 (4) até ao dia 11 de Setembro de 1554, ^{ata} muito próxima da do seu falecimento (3). (*)

(*) Vid. *Proceso comtr a mestre Diogo de Teive preso no carcere da santa Inquisyção*, in *Noticias Chronologicas da Universidade de Coimbra*, pág. 464.

(3) *O Humanista Antonio de Gouveia em Tolosa*, separata da «Revista Portuguesa de Filosofia», T. vm, f. 2, 1952, pág. 154.

(4) *Archives Départementales de la Haute-Garonne*, Toulouse, serie B., XIX, f^o 6.

(5) Fleury Vindry, *Les Parlementaires Français au XVI^e siècle*, T. 11, f. 11, Paris, 1912, pág. 191. Não temos sólidas razões para acompanhar o Sr. Prof. Dr. Mário Brandão (in *A Inquisição e os Professores do colégio das Artes*, pág. 268, nota 4) na sua conjectura, fundada na obra de Imbart de la Tour, *Les origines de la Réforme*, T. ni. págs. 401, 403, de que o conselheiro

Do casamento de François de Nupces com Catherine de Puy nasceu Pierre de Nupces que, em 8 de Março de 1553, foi recebido como conselheiro na corte parlamentar (6), embora a sua nomeação ficasse condicionada por um não-exercício do cargo durante dois anos a contar da data da sua investidura (7). Julgamos que o velho François de Nupces tivesse desejado, nos seus derradeiros anos, assegurar o futuro de Pierre como magistrado parlamentar, e daí a nomeação do jovem conselheiro não corresponder ao início das suas actividades jurídicas. Aliás, se Pierre foi aluno de Diogo de Teive nos primeiros rudimentos da língua latina, não há que situar o seu nascimento em ano muito arredio ao de 1520. A data da sua investidura como conselheiro, Pierre devia contar à volta de 30 anos. Só aceitando que as vagas de conselheiro se encontravam então inteiramente providas— o que efectivamente sucedeu, como o demonstrou Vindry — se pode compreender a provisória situação que, de 1553 a 1555, envolveu Pierre de Nupces (8).

Foi, pois, em casa de François de Nupces que o humanista português, então escolar de leis no *Studium* de Toulouse, se veio a fixar no segundo ano da sua estadia nessa cidade, *grosso modo*, a partir de Outubro de 1535, conservando-se nesse hospitaleiro ambiente até à data da sua partida para Bordéus, nos primórdios

de Nupces devia provavelmente ser parente do franciscano de Nuptiis, que em Toulouse se tornou suspeito de heterodoxia a quando do encarceramento do legista Jean de Cajurce, em Fevereiro de 1532. Pelo menos, no célebre manuscrito de Saint-Raymond, que se guarda actualmente no Museu Paul Dupuy de Toulouse, onde, a par de numerosos retratos de personalidades tolosanas, se fornecem importantes dados biográficos dessas figuras, nada encontramos que permita fundamentar tal pressuposição. Também nas valiosas obras de Jules Chalande, *Histoire des rues de Toulouse, passim*, e de J. Contrasty, *Les prédicateurs à Végglise de Notre-Dame de la Dalbade de Toulouse au xvi^e siècle*, 1947, nenhuns elementos colhemos para a distinção histórica do franciscano de Nuptiis. Ora, sendo a família Nupces tão conhecida na região do Languedoc, o silêncio em torno da figura do frade obriga-nos a defender a não-provável ligação familiar entre as duas figuras.

(6) *Archives Départementales de la Haute-Garonne*, serie B. 46, f^o 247.

(7) Vindry, *Les parlementaires français au xvi^e siècle*, pág. 191.

(8) Este magistrado viria a falecer pouco tempo antes do dia 5 de Fevereiro de 1578 porque nesta data já o seu cargo se achava provido na pessoa de Jacques de Marion, seu genro, casado com Margarida de Nupces. Cf. Vindry, *ibidem*, pág. 191.

do outono do ano seguinte (9). Aí, Diogo de Teive travou sólidas relações de amizade com eminentes personalidades tolosanas, não sendo de extranhar que no número dos seus amigos se contassem o presidente Jacques Minut, o presidente Mansencal, o regente Jean de Boyssoné, o prelado de Rieux, Jean de Pins e outras figuras de relevo na magistratura e no professorado.

Quem seria, no entanto, o *home douto*, a que Teive se refere, e que introduziu o humanista no convívio da família Nupces? — Só uma fundamentada conjectura é possível estabelecer.

Uma vez que o jovem estudante permaneceu no colégio de Santa Bárbara desde 1515 até aos primeiros meses de 1532 (10) — época em que travou relações de convívio com o seu futuro benfeitor tolosano — orientámos os nossos passos no sentido de encontrar adentro da magistratura parlamentar de Toulouse uma figura que, na mesma época, tivesse também exercido idênticas

(•) Dr. Mário Brandão, *A Inquisição e os Professores do colégio das Artes*, pág. 270.

(10) Como Teive declarou no seu processo da Inquisição que vivera em Sania Bárbara «sete anos ou mais» (vid. *Notícias Chronologicas*, pág. 463) segue-se, para o Dr. Luís de Matos, que o humanista devia ter entrado no colégio de Diogo de Gouveia Sénior em 1525, tanto mais que o seu nome não figura entre o dos bolseiros inscritos em 1527. Cf. *Les Portugais à l'Université de Paris entre 1500 et 1550*, pág. 69. O Prof. Mário Brandão atendendo, porém, a que o velho Diogo de Gouveia afirmara no processo de mestre João da Costa que Teive fora escolar de Santa Bárbara durante cinco anos (Cf. *A Inquisição e os Professores*, pág. 263, nota 2), e, ainda, porque em outros passos do processo do humanista bracarense surgem várias contradições quanto à veracidade das datas, inclina-se de preferência para o ano de 1527, como o ano da chegada de Teive à escola de Paris.

Julgamos que a data de 1525 se apresenta mais lógica visto que o próprio humanista confessou ter ido para França com mais ou menos 12 anos (cf. *Notícias Chronologicas*, pág. 463). Sendo assim, toma-se necessário recuar um pouco a data do nascimento de Teive, que o Prof. Mário Brandão, aliás muito criteriosamente, coloca em 1514 ou 1515 (vid. *A Inquisição e os Professores*, pág. 262). Porquê? — simplesmente, porque, se em 18 de Agosto de 1550 o encarcerado Mestre confessava ao Santo Ofício ter 36 anos de idade (cf. *Noticias Chronologicas*, pág. 461), nada custa a aceitar que, nessa data, talvez não estivesse longe de atingir os anos, o que já permite integrar o seu nascimento como tendo ocorrido entre data posterior a 18 de Agosto e o fim do ano de 1513. Esta conjectura pode vir a ser confirmada, se os investigadores chegarem um dia a assentar com rigor a data do nascimento dos irmãos de Diogo de Teive.

funções no Parlamento de Paris. Pergunta-se — será legítimo invocar o nome de Pierre Dufaur de Pibrac ?

Temos sólidas razões para o defender. Este magistrado foi uma das mais notáveis figuras do Parlamento de Toulouse, de que veio a ser quarto presidente desde 8 de Fevereiro de 153g até à data da sua morte, ocorrida nos fins de 1557 ⁽¹⁴⁾- Tendo nascido por volta de 1490, Pierre Dufaur consorciou-se em 1516 com Gauside Douce, que lhe deu larga descendencia, e enviúvando já nos derradeiros anos da vida casou-se em segundas nupcias com Charlotte de Castelper, sogra de seu terceiro filho, Arnaud ⁽⁴²⁾. Pierre Dufaur, cuja vida está intimamente ligada com a época de grande esplendor intelectual da Renascença tolosana, deve ter sido, muito seguramente, sogro do humanista português Antonio de Gouveia, que foi escolar e Mestre de Direito no *Studium* de Toulouse e nessa cidade permaneceu desde meados de 1547 a 10 de Julho de 1549 ⁽¹³⁾.

Ora, se se toma em consideração o seguro testemunho de Fleury Vindry tem de se admitir que Pierre Dufaur foi nomeado «maistre de requêtes» no Parlamento de Paris, em 19 de Abril de 1531, na vaga deixada pela voluntária renuncia de Gabriel de Gramont ⁽⁴⁴⁾. Concorda com este depoimento o mais sólido dos biógrafos da familia Dufaur — o falecido arquivista tolosano Sylvain Macary ⁽¹⁵⁾ — mas debalde se procura o nome de Pierre Dufaur na lista dos magistrados que formaram a corte parlamentar de Paris — lista compilada por Edouard Maugis em exaustivo trabalho de investigação ⁽¹⁶⁾. Em face desta lacuna

⁽⁴¹⁾ Sylvain Macary, *Généalogie de la maison Dufaur dressée d'après les Documents authentiques et les notes du Comte Anatole de Pibrac*, Toulouse, 1907, pág. 16 e segs.

⁽⁴²⁾ Macary, *ibidem*, pág. 20.

⁽¹³⁾ Cf. J. Veríssimo Serrão, *O Humanista Antonio de Gouveia em Tolosa*, pág. 171 e segs. e o ainda recente estudo *Antonio de Gouveia e a prioridade do método cujaciano do Direito*, separata do «Boletim da Faculdade de Direito de Coimbra», vol. xxviii, Coimbra, 1952, pág. 22,23.

⁽¹⁴⁾ *Archives de M.^{me} la Comtesse de Villele*, chateau de Merville, Fonds Saint-Jory, apud Vindry, *Les Parlementaires français au XVI^e siècle*, ob. cit., pág. 152.

⁽¹⁵⁾ Vid. *Généalogie de la Maison Dufaur*, pág. 18.

⁽¹⁶⁾ *Histoire du Parlement de Paris. De Vavènement des rois Valois à la mort d'Henri iv*, T. ni, Paris, 1916.

informativa deve afastar-se a veracidade do testemunho fornecido por Yindry? — Nunca, em nosso entender, porque o parecer do erudito investigador fundamenta-se em documentos coevos que lhe foi possível analisar no castelo de Merville, em Toulouse, onde se guarda toda a preciosa documentação relativa à família Dufaur. Por outra via, as efemérides mais salientes da vida de Pierre Dufaur em nada se opõem à possibilidade de, entre 1530 e 1532, o magistrado ter exercido as funções de «maistre de requêtes» no Parlamento de Paris. Aliás, magistratura mais de carácter honorífico não custa aceitar que as funções referidas não outorgassem a Dufaur grandes privilégios no ponto de vista jurídico. Talvez por isso, e até porque os nobres a quem se concediam, por mercê régia, esses cargos, se revezavam constantemente no desempenho das suas funções, se explique a lacuna de Maugis quanto ao nome de Dufaur. Um ponto se torna indiscutível— é que o documento da nomeação se conservava, ainda em 1907, nos Arquivos particulares do castelo de Merville (17).

De resto, Pierre Dufaur, seguindo a tradição de sua família, cursou a Faculdade jurídica de Toulouse onde conquistou o grau de Doutor, entre os anos de 1515 e 1520. Em 1533 governava ainda a capitania de Muret (18) o que nos obriga a aceitar que nessa data já o magistrado teria abandonado a capital francesa. Em Maio de 1535 (retenha-se esta data porque ela coincide plenamente com a presença de Teive no ambiente de Toulouse) Pierre foi eleito pelos «capitouls» chanceler dos Jogos Florais — a mais intelectual instituição à data já existente no Languedoc (19). A sua eleição foi confirmada poucos meses

(17) Guarda-se cópia desse documento na Biblioteca Nacional de Paris, *pièces originales*, reg. no5, n.º 119, apud Macary, *Généalogie de la Maison Dufaur*, pág. 18.

(18) Macary, *ibidem*, pág. 17.

(19) Vid. *Archives de VAcademie des Jeux Floraux de Toulouse*, reg. rouge, fº 18. Sobre a acção de Pierre Dufaur como chanceler dos Jogos Florais tolosanos («*iceluy monsieur Fabri chancellier, comme le plus apparent, ydonye et soufflent de la presente ville*»), como se vê no documento da sua eleição) vid. F. de Gélis e J. Anglade, *Actes et délibérations du collège de rhétorique (1513-1641)*, Toulouse, T. 1, 11, 1933, 1940, págs. 19, 20, 20 n, 21, *passim*; e F. de Gélis, *Histoire Antique des Jeux Floraux depuis leur origine jusqu'à leur transformation en Académie (1323-1694)*, in «Bibliothèque Méridionale», T. xv, Toulouse, 1912, págs 86 n, 94, 94 n., *passim*.

decorridos, e Pierre Dufaur manteve-se até 1536 na presidência dos Jogos Florais da capital do «Midi» da França.

Não repugna, pois, aceitar que no outono de 1535, quando a Diogo de Teive «*acudiu huã doensa muito forte*», ele tivesse recebido o amparo de Pierre Dufaur — *ahü home douto que em paris o conhecera*». O elevado encómio com que o humanista se referiu ao seu protector já se compreende perante a privilegiada situação intelectual de que o presidente disfrutava em Toulouse. Por outro lado, a família Dufaur era uma das mais conceituadas no Languedoc, tanto pela linhagem do sangue como pela tradição honrosa dos seus antepassados. Analisando com o maior senso histórico essa vasta genealogia não será difícil concluir, com o erudito P.^e J. Lestrade, «*l'apport d'une maison illustre au progrès religieuse, littéraire, administratif, judiciaire, artistique et militaire de la France*» (*°). E de entre os membros de tão ilustrada família deve reivindicar-se para Pierre Dufaur de Pibrac o título de um dos mais prestigiosos e ilustres, sobre tudo, na magistratura e no culto das belas letras.

*

**

Embora outras acusações que sobre Teive impendiam contivessem delicto mais grave em matéria de religião, o humanista foi obrigado, no entanto, a defender-se da denúncia feita ao Santo Ofício de que ele, Diogo de Teive, fora simpatizante das doutrinas epicuristas e mantivera intenso contacto com o herético Etienne Dolet. Tal o conteúdo da acusação quinta (21), que Teive

(*°) Introdução, pág. v in Macary, *Généalogie de la Maison Dufaur*,

(21) O testemunho da acusação v contra Teive declarava: «*Cognovit aut ex sermonibus aut ex cõi ratiõe vite nec tamen periculum e"e a factioë lutherana in causa de teives sed quod omniu gravissimum est ne cecitate mentis a nostra Religioë et fide defecerit ut nefariam secta epicuriorum approbare maxime videatur et voluptatem pro sumo bono habeat et mortalem anima existimet moreque beluarum et vitam et Interitu nostrum suspicietur et hoc de illo suspicatur quod consuetudiem haberet familiarisimã cum dolecto qui combustus fuit parisjs et atheus erat ut accepit a servitore Ipsius dolecti tum quod fama comunis de eo ferebatur*» in *Noticias Chronologicas*, pág. 612.

pretendeu rebater na resposta autógrafa que, em 29 de Maio de 1551, entregou aos juízes da Inquisição:

«Vossas mees hã de saber & asi lho Juro per Deu Trinum & unum que eu nunqua vi doleto nem o conheci nem creio que me cheguei junto donde elle residia cem legoas por que o tempo que elle estava em Tholosa estava eu em salamãqua & hera muito moco & quando vim a Tholosa ja passava de tres anos que elle hera fora & diziasse que estava em Lião & hera livreiro & imprimidor omde sempre residió ate que o prenderão. & eu nunqua fui em liaõ & o tempo que o prenderão eu estava em Bórdeos no que se mostra a grande falsidade & malicia desta testemunha quem quer que he & desta t^a parece que tomou frei Johaõ pinheiro o que diz no seu testemunho acerqua deste negocio... » (v).

Em face deste depoimento do humanista o Sr. Prof. Dr. Mário Brandão deixou exprimir que «Teive, conscientemente ou não, afastou-se da verdade, e nem sequer reparou na contradição contida nas suas declarações» pois que, quando o jovem escolar chegou à cidade de Toulouse, no outono de 1534, só uns curtos meses haviam decorrido desde a partida de Dolet para o refúgio de Lião (23). Na opinião do ilustre historiador do Colégio das Artes, houve, portanto, da parte de Diogo de Teive «a ânsia bem compreensível de se ilibar da gravíssima imputação» de ter convivido com aquele mártir da Reforma francesa, pelo que o humanista pretendeu iludir os juízes do seu processo inquisitorial confessando nunca ter convivido com Dolet e, mesmo, serem já três anos decorridos desde o abandono, por parte deste, de Toulouse, quando ele, Diogo de Teive, chegou à mesma cidade (24).

Ora, muito embora a interpretação do Sr. Prof. Dr. Mário Brandão esteja escudada em alguns investigadores eminentes da vida de Dolet (tal o caso de Galtier e H. Busson), os dados

(*2) In *Notícias Chronologicas*, pág. 621.

(21) *A Inquisição e os Professores do colégio das Ar/es*, pág. 267, nota i.

(24) *Idem, ibidem*.

fornecidos por estes historiadores, no tocante à estadia de Etienne Dolet no *Studium* de Toulouse, não são inteiramente concordes com a verdade histórica dos factos (25). A carência informativa sobre a fixação do humanista na Escola tolosana foi já bem assinalada pelo historiador Louis de Sancti, o qual, em estudo incisivo e primoroso, não receou afirmar que «presque tous les auteurs se sont trompés sur l'époque et la durée du séjour de Dolet à Toulouse» (26). Onde se fundamenta tão notável parecer que permite a integral revisão dessa efeméride biográfica do desventurado Dolet?

Muito simplesmente, nas epístolas do próprio humanista. Este, na *Oratio Secunda in Tholosa*, declara que viveu nesta cidade um ano apenas (27), o que, pela análise comparativa de todas as suas cartas, permite defender que a sua estadia teve lugar entre os princípios de Maio de 1531 e os fins do mesmo mês do ano seguinte. Aliás, a cronologia das suas cartas apresenta-se bem límpida visto que a primeira epístola, dirigida a François de Langeac, vem referida a i de Maio de 1531 (28), e a última, enviada de Toulouse a Simon Finet, é de i5 de Maio do ano seguinte (29). Foi com este amigo dilecto que o escolar reformista abandonou Toulouse — anatematizando-a como «cidade mais bárbara que o país dos Getas e dos Citas» (30)— e veio a tomar a rota de Lião, donde, em i de Setembro seguinte, já enviava notícias ao seu amigo o jurisconsulto Jean de Boyssonné, então regendo

(25) Vid. Henri Busson, *Les sources et le développement du Rationalisme dans la littérature française de la Renaissance (1533-1601)*, Paris, 1922, pág. 122, nota 3; e Octave Galtier, *Etienne Dolet*, Paris, 1908, págs. 33, 34.

(26) *La réaction universitaire à Toulouse à l'époque de la Renaissance. Baise Auriol*, in «Mémoires de l'Académie des Sciences, Inscriptions et Belles-Lettres de Toulouse», 10ª série, T. vi, 1906, pág. 28, nota 1.

(27) «Dum in hac urbe vix anno versatum», in *Stephani Doleti Oratio-nes duae in Tholosa*, Lião, 1533, pág. 53.

(28) Carta a François de Langeac «Ex urbe Tholosa calend. Maijs» in *Stephani Doleti*, *ibidem*, pág. 95, apud De Sancti, *La réaction universitaire à Toulouse*, pág. 28, nota 1.

(29) Carta a Simon Finet «Tholosa Ibid, maiis», *Stephani Doleti*, pág. 117.

(30) «Tholosam accessi, urbe maiori celebritate & fama, quam juris civilis periti prosatiore: ad haec plus Getis Scytisque barbaram. Verum illud esto: nulla me urbis tam barbarae asperitas ab instituto revocat...» Da carta a Guilherme Budé in *Stephani Doleti*, pág. 106.

no *Studium juridicum Tolosanum* ⁽³¹⁾, em que lhe anunciava que não tardariam a sair dos prelos de Lião as suas arengas críticas contra a cidade que tão desfavoravelmente o tinha acolhido ^(3*). De resto, o ano preciso da chegada de Dolet ao burgo tolosano aparece bem explícito na obra do mais moderno dos historiadores de Toulouse ⁽³³⁾.

Portanto, o humanista Teive, embora no seu depoimento não tivesse sido plenamente fiel à verdade dos acontecimentos — não se olvide que quase duas décadas haviam já passado por sobre os mesmos factos — em muito pouco falseou a sua confissão visto que mais de dois anos eram decorridos desde a precipitada partida de Etienne Dolet, quando Teive se foi abrigar na mesma Escola do Languedoc ⁽³⁴⁾.

⁽³¹⁾ Sobre o juriconsulto Boyssoné, a sua vida e actividade docente, vid Guibal, *Jean de Boysson ou la Renaissance à Toulouse*, in «Revue de Toulouse», 1864; François de Mugnier, *Jean de Boyssoné et le Parlement de Chambéry*, 1^o98; M Théry, *Documents sur la vie de Jean de Boyssoné*, in «Revue des Sociétés Savantes», Toulouse, 1870 ; Antonim Deloume, *Aperçu historique sur la Faculté de Droit de Toulouse. Maîtres et escoliers de Van 1229 a 1700*, Toulouse, 1900. Quanto às relações travadas entre este juriconsulto e o humanista português António de Gouveia e, ainda, sobre o papel de Boyssoné como precursor do método histórico do Direito da Renascença, vid. os nossos estudos, *O Humanista Antonio de Gouveia em Tolosa e Antonio de Gouveia e a prioridade do método cujaciano do Direito*.

⁽³²⁾ «Verum nisi me bona spes posteritas fallit, qui mihi periculum crearunt, investos verissimis maledictorum notis tradam hominum sempiternae memoriae perficiamque; immortalibus scriptorum meorum monumentis, ut Tholosam tetram, crudelem, nefarium, barbaram, literis inferisam, à musis aversam, bonorum laudi duram, atque inimicam, virtuti iniquam, invidiam, sceleratam, prostigatam, vitiorum gurgitem nequitiae officinam, flagitiisque... * Carta a Jean de Boyssoné in *Stephani Doleti Orationes Duae* pág. 120.

⁽³³⁾ «En 1531 arrive à Toulouse Etienne Dolet, alors âgé de vingt-deux ans, recommandée à Boysson et à Jean de Pins», Henri Ramet, *Histoire de Toulouse*, 1933, pág. 357. Com efeito, está hoje apurado que o mártir humanista nasceu em Orléans em 1508, porque no momento em que subiu ao queimadeiro, em Paris, no dia 3 de Agosto de 1546, contava apenas 38 anos de idade. A sua permanência em Toulouse, pois, em perfeita concordância com os outros marcos da sua vida, tem de situar-se em 1531-1532.

^(3*) Falsa pressuposição, sim, existiu da parte do humanista ao confessar que «o tempo que elle (Dolet) estava em Tholosa estava eu (Teive) em salamãqua». Cf. *Noticias Chronologicas*, pág. 621. Já o Prof. Mário

*
* *
*

No contacto com a família Nupces, tão celebrada pelo seu prestígio, foi possível a Diogo de Teive dar-se a conhecer a < muitos fidalgos & homés principaes da terra que ainda oje podem testemunhar da minha vida >. Não sendo difícil labor o de perscutar em que sector da vida tolosana se recrutavam, nos anos ao redor de 1536, os amigos dilectos de François de Nupces, torna-se, no entanto, impossível esclarecer quem seriam, na verdade, os fidalgos e parlamentares a que Teive se refere no seu depoimento. E não deixamos de lamentar que, nesse capítulo da sua confissão, o humanista se tenha mostrado tão reservado, impedindo-nos de reconstituir as relações intelectuais que lhe foi dado criar durante a sua permanência em Toulouse (35).

Um ponto não oferece dúvidas — o ressonante ambiente de cultura que Toulouse — «la vraie reine du Midi» no expressivo dizer de Hanotaux — respirava, quando Teive se foi acolher à sombra da sua Universidade. Mais de 10.000 escolares, oriundos dos pontos mais remotos da latinidade, aí seguiam os cursos do *Studium*, destacando-se no conjunto do corpo universitário, pelo brilho dos seus Mestres e pelo número elevado de escolares que

Brandão notou este flagrante paradoxo que ressalta do depoimento de Teive, Cf. *A Inquisição e os Professores do colégio das Artes*, pág. 267, nota 1. Quando o humanista chegou à Academia salmantina, nos meados de 1532, já Dolet se encontrava nos arredores de Lião, onde se fixou em Maio do mesmo ano. Cf. De Sancti, *La réaction universitaire à Toulouse*, pág. 35.

(35) O silêncio de Diogo de Teive é tanto mais para extranhar quanto é certo que ao longo do seu volumoso processo são constantes as referências, feitas por Teive, a ilustres personagens da magistratura e das letras francesas. Aliás, como já o observou finalmente Luís de Matos (vid. *O Humanista Diogo de Teive*, in «Revista da Universidade de Coimbra», vol. xiii, 1937, pág. 7) o humanista bracarense tinha o aliciante dom de criar sólidas amizades de tal modo a sua figura conquistava a simpatia daqueles com quem privava. O olvido em que Diogo de Teive deixou o nome dos seus amigos de Toulouse não deixa permitir o traçado de um capítulo que, não o custa a crer, teria o maior interesse histórico para o conhecimento das verdadeiras relações intelectuais que os humanistas lusitanos, no século xvi, travaram sob o céu intelectual da França.

a frequentavam, a Faculdade jurídica (36). Uma forte luta ideológica começava então a crepitar entre os sequazes da doutrina escolástica do Direito e os jovens ardentes, como Boyssoné, Arnaud du Ferrier, Jean de Coras e Mathieu du Pac, que reivindicavam o imediato abandono dos comentários bartolistas e o estudo das matérias jurídicas na via histórica dos juristas latinos (37). Para mais, o ambiente religioso, aos primeiros alvares do movimento luterano, toldara-se cruelmente, conduzindo à clausura dos escolares ardorosos como Etienne Dolet, ao exílio a que se viram obrigados Jean de Boyssoné e Mathieu du Pac, e ao suplício atroz de Jean de Caturce e de outros mártires da Reforma francesa (38). Tal o ambiente intelectual da escola de Toulouse quando Diogo de Teive, no outono de 1534, ali chegou.

A forte repressão em matéria religiosa teria intimidado o humanista, levando-o a recolher-se alheado das manifestações de livre crítica que os escolares proclamavam? — E muito provável que assim sucedesse tanto mais que Teive nos confidencia que no seu primeiro ano de estadia em Toulouse «*fuy muy emsarrado & recolhito tãtos eram os meus desejos estudar*». Por outra via, custa a crer que o humanista fizesse existência aparte da dos restantes escolares, pois estes achavam-se divididos em *nações*, englobando-se na chamada *nation d'Espagne* todos os escolares oriundos da Península Ibérica, os quais, a darmos inteiro crédito a uma carta coeva do jurisconsulto Boyssoné, deviam ser então bastante numerosos (39). O certo é que o nome de Teive não figura nos registos que, dessa época, até nós chegaram, pelo que não é crível que o humanista tivesse tomado parte nas numerosas manifestações que os estudantes tolosanos promoveram, com certa intensidade, durante o ano de 1535 (40).

(36) *vid.* R. de Boysson, *Un Humaniste Toulousain, Jean de Boysson*, Paris, 1913, págs. 39, 40.

(37) Sobre a luta entre as duas correntes jurídicas, pode ver-se De Sancti, *La réaction universitaire à Toulouse à Vépoque de la Renaissance*, pág. 29 e segs.

(38) J. Veríssimo Serrão, *Antonio de Gouveia e a prioridade do método cujaciano do Direito*, pág. 14.

(39) Carta de Boyssoné a Berengaire Ferdinand in Manuscrito 834, fº 99 da Biblioteca Municipal de Toulouse.

(40) *Vid.* René Gadave, *Les Documents sur l'histoire de VUniversité de Toulouse et spécialement de sa Faculté de Droit Civil et Canonique*, Toulouse, 1910, págs. a, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, *passim*.

Se a passagem de Diogo de Teive pelo *Studium* de Toulouse está, portanto, mal assinalada, isso se deve atribuir, antes de mais, ao próprio humanista, pois teria sido bem fácil ao antigo escolar tolosano alongar o seu depoimento quanto à permanência no «Midi». Assim, só a descoberta de nova documentação permitirá um novo traçado do presente problema.

J. VERÍSSIMO SERRÃO